

O Brasil dos megaeventos esportivos: como as cerimônias representaram o país dos Jogos Pan-Americanos de 2007 aos Jogos Paralímpicos de 2016¹

Lucas Rodrigues FÉLIX²

Victória Zilmara ALVES³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Natal, RN

RESUMO

Entre 2007 e 2016, o Brasil sediou sequencialmente os Jogos Pan-Americanos, os Jogos Mundiais Militares, a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos. Diante da relevância dos megaeventos esportivos, que possuem um alcance global sem paralelos, a pesquisa realiza um estudo de caso para observar quais foram as mensagens transmitidas pelo país como organizador das cerimônias de abertura e de encerramento das competições listadas.

PALAVRAS-CHAVE: cerimônias; megaeventos esportivos; Rio 2016; Jogos Olímpicos; Copa do Mundo

INTRODUÇÃO

Dos Jogos Pan-Americanos de 2007 aos Jogos Paralímpicos de 2016, o Brasil viveu um ciclo intenso de competições esportivas que o posicionaram no centro das atenções do planeta, ganhando a oportunidade de exercer o seu *soft power* através do esporte. Conforme Nye (2004), o “poder suave” consiste na capacidade de moldar as preferências sem a necessidade do uso da força, persuadindo os outros a compartilharem os seus desejos.

Bourdieu (1997, p. 125) destaca que as competições esportivas são produzidas e transmitidas sob medida diante as preferências de cada país. No caso dos Jogos Olímpicos, justamente apenas a cerimônia inaugural dos Jogos consegue congrega todo o planeta na mesma mensagem antes que as nações passem a priorizar os seus próprios campeões, fazendo com que a sua importância transcenda o esporte. Wolff (2015, p. 170) lembra que “não existe televisão sem esportes. Com a mesma certeza de que não existem esportes, pelo menos nenhum complexo midiático megaesportivo, sem televisão”, o que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mesma instituição em que cursou os bacharelados em Comunicação Social, com habilitações em Jornalismo e Audiovisual. Especialista em Comunicação Digital e Comunicação e Marketing Esportivo pela Universidade Potiguar (UnP). E-mail: falecomlucasfelix@gmail.com

³ Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mesma instituição em que é mestrande do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM). E-mail: victoria.alves.116@ufrn.edu.br

justifica a análise também da cobertura das cerimônias neste resumo expandido. No caso dos grandes eventos globais, como os esportivos e musicais, Rios (2017, p. 28) lembra que ainda há uma colaboração da mídia para que atuem representando fortes projeções nacionalistas. Momentos como os Jogos Olímpicos, afinal, são uma “suprema glória”, conforme aponta Payne (2006, p. 18). Utilizando a metodologia do estudo de caso (Yin, 2001), destacada pelo especialista como uma forma de fazer uma análise ampla do objeto, este resumo expandido irá explorar as nuances e destaques das festas realizadas nos megaeventos situados em território nacional dentro do intervalo elencado.

O RIO PRÉ-OLÍMPICO

Em 2007, quando o Rio de Janeiro sediou os Jogos Pan-Americanos, as chamadas Olimpíadas das Américas, o Brasil iniciou uma série de nove anos sediando os megaeventos esportivos mais relevantes em escala global. Desde a cerimônia de abertura, o Pan contou com transmissões ao vivo em sinal aberto de Globo, Band e Record. Produzida pelo executivo estadunidense Scott Givens, que contou com a carnavalesca Rosa Magalhães e o cenógrafo Luiz Stein como diretores artísticos, a festa reuniu um público de 75 mil pessoas no estádio do Maracanã.

A multidão presenciou segmentos que destacaram as energias do Sol, da água e do ser humano. O figurino da cerimônia ganhou o Emmy, o mais importante prêmio da televisão americana. A festa foi finalizada com uma apresentação musical de Daniela Mercury, reforçando o *ethos* festivo e pacífico que Abrahão e Soares (2015) apontam ter sido pretendido pelos organizadores como uma representação nacional. Para Pires (2009, p. 15), houve êxito em “nacionalizar” o Pan, gerando uma sensação de pertencimento de todo o país com relação ao evento. O Brasil obteve o seu recorde de medalhas em uma edição até então, subindo ao pódio por 157 vezes.

Em 2011, o Rio de Janeiro sediou os Jogos Mundiais Militares. O evento reuniu mais de quatro mil atletas, que competiram em diversas instalações utilizadas no Pan em 2007. O futebol e o atletismo, por exemplo, tiveram provas disputadas no Estádio Olímpico João Havelange. Localizado no bairro de Engenho de Dentro, o espaço também foi o palco das cerimônias da edição. Durante a abertura, que contou com menções à natureza brasileira, aviões da Esquadrilha da Fumaça formaram desenhos sobre o estádio. Diante da presença da presidente Dilma Rousseff, a pira produzida em formato de pomba

foi acesa por Pelé. No ano seguinte, o tricampeão mundial de futebol representou ainda o segmento brasileiro na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres.

PAÍS DO FUTEBOL

Após dois megaeventos transcorridos sem problemas logísticos mais relevantes no Rio de Janeiro, a realização da Copa das Confederações no Brasil, ao longo de junho de 2013, se transformou em um desafio operacional diante das manifestações multitudinárias que foram convocadas simultaneamente nas maiores cidades do país. Conforme Félix (2023, p. 45), o torneio de futebol preparatório para o Mundial do ano seguinte recebeu as seleções campeãs continentais vigentes com jogos realizados nas cidades de Salvador, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília.

A capital federal foi o palco da abertura, um evento considerado simples pela preocupação em não afetar o gramado do estádio Mané Garrincha. A organização da cerimônia coube ao carnavalesco Paulo Barros, que buscou celebrar os oito países participantes. No show de encerramento, realizado no Maracanã, apresentações musicais de Ivete Sangalo e Jorge Ben Jor se destacaram em um espetáculo ainda mais compacto. Em campo, a Seleção Brasileira se transformou tetracampeã do torneio que já havia vencido em 1997, 2005 e 2009. A equipe nacional superou a Espanha, então campeã mundial, por 3 a 0.

No ano seguinte, em 12 de junho, foi a vez do mundo do esporte voltar a sua atenção para a cerimônia de abertura da Copa do Mundo. Como de praxe, ela precedeu a realização da partida inaugural do torneio, em que a Seleção Brasileira venceu a Croácia por 3 a 1. Apesar do sucesso inicial em campo da equipe comandada por Luiz Felipe Scolari, que depois viria a ser goleada pela Alemanha na semifinal, a festa foi alvo de intensas críticas da população e da imprensa especializada.

Desenvolvida pela coreógrafa belga Daphné Cornez, a apresentação foi considerada excessivamente estereotipada, numa provável busca em dialogar principalmente com os estrangeiros. Com a enxuta duração de cerca de 25 minutos, a cerimônia mostrou superficialmente as representações de elementos culturais de regiões brasileiras, assim como a exaltação da riqueza natural do país. Félix (2023, p. 47) relata que mesmo o chute feito por um paciente tetraplégico, um dos momentos mais

aguardados da abertura, se transformou em uma controvérsia pelo pouco tempo dedicado ao projeto científico na transmissão televisiva.

Depois da recepção negativa constatada, a festa de encerramento focou na exaltação da música nacional, sendo mais bem sucedida na missão. Realizada no estádio do Maracanã pouco antes do tetracampeonato mundial da Alemanha ao superar a Argentina por 1 a 0, a cerimônia trouxe apresentações de Shakira, Carlinhos Brown, Carlos Santana, Wyclef Jean, Alexandre Pires e Ivete Sangalo. A artista baiana apresentou um *pot-pourri* de sucessos da carreira, como Sorte Grande e Festa, tema popular do pentacampeonato mundial da Seleção Brasileira em 2002.

OS MAIORES ESPETÁCULOS DA TERRA

O mesmo Maracanã de duas finais de Copas do Mundo reuniu milhares de pessoas, incluindo torcedores, atletas, artistas, chefes de Estado e jornalistas de todo o planeta na noite de 5 de agosto de 2016 para a cerimônia de abertura da 31ª Olimpíada da Era Moderna. Aos profissionais de imprensa, foi apresentado pelo Comitê (2016) um guia de mídia elaborado pelos desenvolvedores do ato inaugural dos Jogos. A publicação foi oferecida como uma referência com orientações úteis para uma compreensão precisa do espetáculo.

A direção artística da cerimônia foi inteiramente realizada por brasileiros. Definidos no guia como “criadores”, os cineastas Andrucha Waddington, Daniela Thomas e Fernando Meirelles traçaram conjuntamente a concepção da festa. Rocha (2017, p. 160) os aponta como expoentes da primeira geração intelectualmente formada após a consolidação de uma indústria cultural genuinamente brasileira. A cerimônia foi transmitida na televisão brasileira por Globo, Band, Record, Record News, SporTV, ESPN, Fox Sports, Fox Sports 2 e BandSports. 74% dos aparelhos de TV ligados nas quinze maiores regiões metropolitanas do país na noite daquela sexta-feira sintonizaram em um dos canais detentores dos direitos de exibição. A cobertura global concentrou a maior parte do público, atingindo uma plateia três vezes maior do que a soma dos canais abertos concorrentes em São Paulo.

Conforme a tradição, o desfile foi aberto pela delegação grega e encerrado pela anfitriã. No caso, a do Brasil, que contou com a presença de cerca de 180 dos seus 465 atletas. Eles entraram no estádio ao som de Aquarela do Brasil, de Ary Barroso. A

cerimônia chegou ao seu auge com o segmento da pira olímpica. Marcando o fim da festa inaugural dos Jogos e do trajeto da chama olímpica pelo país, ela surgiu no Maracanã nas mãos de Gustavo Kuerten, tricampeão do torneio de tênis de Roland Garros. O tenista passou a tocha para a campeã mundial de basquete Hortência Marcari. A condução final da tocha até a pira olímpica coube a Vanderlei Cordeiro de Lima, “um nome acima da cor das medalhas” no apontamento da transmissão da TV Globo.

O atleta homenageado com a medalha Pierre de Coubertin teve a missão de acender uma pira mais ecológica do que as apresentadas nas edições anteriores dos Jogos Olímpicos, buscando contemplar o desafio de redução da queima de gases poluentes. Segundo Mascarenhas e Oliveira (2018, p. 7), a pequena chama foi emoldurada por uma escultura cinética do artista plástico estadunidense Anthony Howe, que representou o Sol em sua forma e a vida em seu movimento. O acendimento da pira ocupou as primeiras páginas de diversos veículos impressos no dia seguinte. A alegria da festa, registrada pelas primeiras páginas ao redor do mundo, foi constatada também pelos gritos do público presente no Maracanã sobre o orgulho e o amor pela brasilidade após a derradeira queima de fogos realizada.

Além da Olimpíada, o Rio recebeu imediatamente na sequência também os Jogos Paralímpicos. A cerimônia de abertura do evento, realizada no dia 7 de setembro de 2016, foi dirigida e roteirizada pelo jornalista Marcelo Rubens Paiva, uma pessoa com deficiência (tetraplegia). A festa foi transmitida ao vivo em sinal aberto para o país somente pela TV Brasil. De acordo com Longo (2019, p. 166), a TV Globo, também detentora dos direitos de exibição, cobriu o evento apenas através de boletins, reportagens e compactos em horários alternativos. Em escala mundial, contudo, a Paralimpíada atingiu um público 7% maior do que a edição anterior, sediada em Londres.

Com o lema de que “o coração não conhece limites”, a narrativa do evento exaltou a inclusão, mantendo o padrão paralímpico de que os valores universais se sobrepõem aos símbolos nacionais nas cerimônias. A referência carioca esteve na simulação da convivência na praia, considerada justamente um ambiente de reunião que minimiza barreiras. Outro momento de congraçamento representado foi uma roda de samba, finalizando o segmento dedicado a falar sobre a invenção da roda. O Hino Nacional do Brasil foi tocado no piano pelo maestro João Carlos Martins, que já havia participado ativamente do revezamento da tocha paralímpica pelo país.

Na parada das nações, estiveram representadas boa parte das 176 delegações participantes da edição, doze a mais do que em Londres 2012. Ao todo, 22 modalidades foram disputadas no Rio de Janeiro. A chama surgiu no estádio para o trecho final do revezamento da tocha nas mãos do velocista piauiense Antônio Delfino, campeão paralímpico nos 200 e nos 400 metros rasos nos Jogos de Atenas. Ele passou o fogo aceso na Inglaterra para Márcia Malsar, também representante do atletismo, que participou apoiada por uma bengala. A primeira medalhista de ouro do país na história da competição, feito realizado em 1984, caiu ao escorregar no tablado molhado pela chuva. Nos instantes seguintes, o esforço da carioca para se levantar sozinha e completar o seu percurso se transformou instantaneamente em um dos momentos mais celebrados do evento pelo público no Maracanã, sendo também um instante de ampla repercussão mundial. Ela entregou a tocha para Ádria Santos, a maior medalhista do país em Paralimpíadas entre as mulheres até então.

O acendimento da pira coube ao nadador Clodoaldo Silva, potiguar que teve a sua paralisia cerebral ocasionada pela falta de oxigenação durante o parto. Ganhador de catorze medalhas paralímpicas ao longo de sua carreira, sendo seis de ouro, Benfica (2012) relata que ele mudou o patamar do esporte no país com a sua atuação nos Jogos de Atenas, em 2004. No Maracanã, o esportista cadeirante se viu inicialmente diante de uma escadaria. O atleta ficou parado, permitindo o momento de reflexão do público sobre a necessidade de inclusão em todos os espaços, até que a estrutura se transformou também em uma rampa.

A partir da festa, a venda de ingressos para as competições teve um pico, garantindo arenas lotadas nas principais modalidades. O público que compareceu acompanhou um desempenho histórico da delegação brasileira, que somou 72 medalhas conquistadas. Na cerimônia de encerramento, depois do apagamento da pira, o Brasil viu o seu ciclo de eventos globais ser encerrado com uma apresentação de Ivete Sangalo. Um desfecho simbólico do sucesso atingido pelo país na média dos espetáculos. Apesar de críticas pontuais, especialmente nos eventos organizados pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), houve êxito dos diversos organizadores ao transmitir as mensagens e valores da brasilidade diante da plateia global ampla e diversa que somente os megaeventos esportivos são capazes de reunir diante dos dispositivos midiáticos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. L.; SOARES, A. J. G. O espetáculo esportivo na construção das representações sobre a identidade brasileira: uma análise da abertura dos Jogos Pan-Americanos de 2007 - o "Pan do Brasil". In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 4. Uberlândia: CBCE, 2015.

BENFICA, D. T. **Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência**. Dissertação (Educação Física). Viçosa: UFV, 2012.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS DE 2016. **Media guide – cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016**. Rio de Janeiro, 2016.

FÉLIX, L. R. **Abençoado por Deus e bonito por natureza: a imagem sustentável do Brasil na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016**. Monografia (Comunicação Social - Audiovisual). Natal: UFRN, 2023.

LONGO, G. G. **A cobertura das Paralimpíadas Rio 2016 na imprensa brasileira**. Dissertação (Jornalismo). Florianópolis: UFSC, 2019.

MASCARENHAS, G.; OLIVEIRA, L. D. Crise olímpica, crise ambiental. In: **Mercator**, v. 17. Fortaleza: UFC, 2018.

NYE, J. S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PAYNE, M. **A virada olímpica: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

PIRES, G. L. **“Observando” o Pan Rio 2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

RIOS, R. M. A. **Mídia e Política Externa: a extensão do conflito de Nagorno Karabakh no Eurovision Song Contest**. Dissertação (Relações Internacionais). Belo Horizonte: PUC, 2017.

ROCHA, G. **A economia dos Jogos Rio 2016: bastidores e primeiros impactos**. Brasília: IPEA, 2017.

WOLFF, M. **Televisão é a nova televisão**. São Paulo: Globo Livros, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.